

Uma Garota
Cubana,
Chás e Amanhãs

LAURA
TAYLOR
NAMEY



ALTA
NOVEL

Rio de Janeiro, 2021

Chame como quiser. Umas férias. Um presente de formatura do Ensino Médio. Talvez até mesmo uma fuga. Tudo o que sei é que jamais estive tão longe de Miami quanto agora.

Estou aqui porque o remédio cubano falhou. Ele é superantigo e parece uma receita de bolo. Embora os ingredientes variem de família para família, o objetivo é sempre o mesmo: sofra por um coração partido, e sua família cuidará de você. Considerando que nem toda a comida do mundo e a proximidade da minha família poderiam curar meu coração partido, assim como em um enredo de uma das novelas da mamãe, eles resolveram me enganar.

— Próximo, por favor. — O agente da alfândega de Heathrow, de Londres, acena para que eu avance. — Qual é o propósito da sua visita, senhorita? — pergunta ele assim que entrego meu passaporte.

Dois segundos se passam, depois mais quatro, e por fim minha mentira descarada:

— Férias.

Permaneço quieta, porque um de meus anfitriões do verão, Spencer, está me esperando, enquanto sou levada para a triagem secundária, o que é equivalente à extração de dentes e exames ginecológicos. Mas, *Dios*, como eu gostaria de usar toda minha força contra esse agente e esse dia inteiro. Mal resisto a me inclinar um pouco mais para perto de seu bem-vestido uniforme azul da alfândega e resmungar “Eu.

Estou. *Aqui*. Porque, como se não bastasse minha abuelita mais amada ter morrido, dois meses depois de sua morte, minha melhor amiga me abandonou, e meu namorado, que estava comigo há três anos, terminou tudo pouco antes do baile de formatura. Chamo isso de A Grande Tríade. Aparentemente eu não estava superando tudo rápido o suficiente, então minha família me mandou aqui para ‘esfriar’. Eu não queria vir para a Inglaterra, mas minha mami usou sua carta mais poderosa de todas, ainda mais poderosa do que pastéis de goiaba e outros remédios cubanos comuns para corações partidos. Ela usou a carta ‘abuela’. Então, para responder à sua pergunta, *eu* não tenho nenhum propósito para estar aqui.”

Pá. O agente carimba meu passaporte e o desliza em minha direção.

— Aproveite a viagem.

Sem chances.

Duas horas depois, após uma viagem tediosa de ônibus seguida por uma viagem de táxi em total silêncio, o motorista nos deixa em um lugar que eu só havia visto em fotos. Infelizmente, na vida real esqueceram de adicionar luz solar ao cenário. Estou tremendo sob um céu insípido enquanto Spencer luta para tirar minhas duas bagagens grandes do porta-malas.

Então isto é Winchester, Hampshire, Inglaterra.

Atravesso a rua estreita e me aproximo da Pousada Owl and Crow. Assim como muitos dos edifícios pelos quais passamos na cidade, o edifício da Pousada Owl and Crow parece algo saído diretamente de um romance de Jane Austen. O imenso bolo de casamento de tijolos vermelho-alaranjados, que se ergue alto e impressionante, destaca-se na vizinhança. A hera escala e se estende pelo pórtico, viajando pelos arredores da pousada de três andares com avenidas de veias verdes. História — esse lugar sangra história.

Nada em Miami é tão antigo assim. Nem mesmo a Senõra Cabral, que ainda coxeia para a padaria da minha família toda segunda-feira e já era tan vieja antes mesmo de os meus pais nascerem.

Spencer Wallace empurra minhas malas sob um caramanchão coberto de rosas. Vendo o Spencer aqui, em vez de em Miami, quando foi com sua esposa e filho, me faz perceber o quanto o visual inteiro dele se mistura com sua pousada tradicional. Cabelo ruivo recém-gri-salho. Uma combinação de cavanhaque bem-feito e bigode. Ele até mesmo usa um blazer pesado de tweed. E foi *isso*, esse primeiro vislumbre de um membro distante da família no aeroporto, que tornou minha viagem ainda mais surreal do que quando embarquei no meu voo. Mami e papi me mandaram para um país estrangeiro onde homens usam blazers de tweed. No *verão*.

— Venha comigo, Lila — diz Spencer, em pé, na porta de entrada.

— A Cate já deve ter voltado da fisioterapia. Está bom e quentinho aqui dentro. — Ele esbarra no meu ombro quando fecha a porta atrás de nós. — Desculpe — diz ele e dispara outro olhar preocupado ao meu traje de viagem, o mesmo que tem lançado desde que saí da alfândega. Como percebi passando pelo Terminal Cinco de Heathrow, meus jeans brancos, sandálias douradas e uma regata rosa-choque fina não são escolhas típicas para férias na Inglaterra, mesmo no início do verão. Mas é *perfeitamente normal* para a minha Miami. Se estou com frio ou não, não faz qualquer diferença.

Dentro da pousada, o ar é quente, mas não abafado, e tem cheirinho de manteiga e açúcar. Inspiro os elementos e tento mantê-los guardados. Os cheiros familiares são o mais próximo de casa que consigo estar agora.

Tía Cate aparece no final de uma escadaria de madeira polida.

— Ah, aqui está ela. — Ela se aproxima, me envolvendo em seus braços. — Lamento por não ter ido junto com o Spencer para recebê-la no aeroporto e também por ter sequestrado o carro.

— O ônibus do aeroporto era bom — respondo em seu ombro coberto por uma lã comichosa. Seu cabelo loiro em um coque baixo é exatamente como me lembro, mas seu sotaque soa mais sem emoção do que nunca. É isso que 25 anos morando na Inglaterra fazem a uma mulher

venezuelana, nascida como Catalina Raquel Mendoza? Aqui, nesta cidade medieval de Hampshire, com este marido, ela é Cate Wallace.

— Olhe para você. Já tem quase 18 anos. — Cate dá um passo para trás, franzindo as sobrancelhas. — Vamos à sala de estar para um chá, enquanto o Spence leva suas malas para o quarto. Há uma lareira acesa, e posso pegar um suéter para você antes que desfaça suas malas. Essa blusa fina... não queremos que pegue um resfriado.

Meu peito se aperta em volta do coração, e então... acontece. Aqui, no aconchegante saguão da Owl and Crow, com tábuas de madeira desgastadas sob minhas sandálias e caixas altas cheias de guarda-chuvas pontiagudos ao lado da porta. Não aconteceu no Miami International, quando eu estava com uma cara fechada inquebrável, ou até mesmo quando fui obrigada a dar beijos em mis padres e minha irmã, Pilar. Não aconteceu enquanto eu assistia às luzes da minha cidade, que pareciam poeira estelar, desaparecerem atrás da asa do jumbo jet. Eu não chorei naqueles momentos. Eu não iria chorar. Mas Catalina-Cate Wallace me pegou de jeito por aqui, e não consigo parar. Meus olhos se enchem de lágrimas, e minha garganta se fecha sobre uma memória que nunca irá embora.

¡Ponte un suéter, que te vas a resfriar!

Coloque um suéter ou você pegará um resfriado! O mantra cubano de todos os mantras. Tatuado em nossas testas. Escrito com tinta indelével em nossos papéis de carta com aroma de violeta. Gritado pelas janelas em volumes impressionantes para crianças comendo Popsicles nas ruas de Little Havana. Minha abuela gesticulava como se jogasse pilhas de suéteres imaginários para todos os lados. Até que, naquela fria manhã de março, ela não mais o fez. O dia mais frio de todos.

Minha mão voa direto para meu amuleto de pomba dourada pendurado no meu pescoço, um presente que recebi da minha abuela quatro anos atrás. Cate percebe, seus traços elegantes murcham.

— Ah, sua doce abuelita. Ela era uma mulher tão maravilhosa, *love*. *Love*. E não *mija*. Não para a Cate inglesa.

— Abuela praticamente me criou também. — Cate encontra meus olhos inchados. — Lamento muitíssimo por não ter comparecido ao funeral.

— Mami entendeu. É uma viagem muito longa. — 7 mil km.

Cate coloca ambas as mãos em minhas bochechas. É um gesto tão parecido com os da minha abuela que as lágrimas começam a querer cair novamente.

— Diga-me a verdade — diz ela. — Mesmo que eu tenha acabado de fazer uma cirurgia no pescoço, sua mãe ainda encontrou uma maneira de me culpar, certo?

Eu rio. A Inglaterra não roubara tudo dela. Seus lábios contraídos, quadril empinado e olhar desafiador vêm direto da Cate que eu me lembro da última visita dos Wallaces a Miami.

— Como adivinhou?

— Eu amo muito a sua mãe. Mas as mulheres das telenovelas poderiam fazer aulas com ela.

Drama de novela. Mami nunca foi para a universidade, mas se graduou em drama, com especialização em “excessivo”. Ela também se graduou em fazer o oposto do que é melhor para mim.

— Acomode-se na sala de estar enquanto pego o chá que Polly preparou para nós — diz Cate, apontando para a porta em formato de arco, antes de desaparecer.

Tiro minha bolsa transpassada preta e vejo o formulário da alfândega saindo pelo bolso da frente. *Aproveite a viagem.* Amasso o pedaço de papel na menor bola que consigo. Esse tempo mascarado de férias não vai me curar.

Consigno entender por que os hóspedes da Owl and Crow elogiam tanto o chá da tarde servido na sala de estar; mas colocaram muito açúcar nos scones. Embora a textura seja quase perfeita, é no nível de doçura que muitos padeiros falham. Farinha, manteiga e açúcar são apenas a base para outros sabores — especiarias e extratos, frutas e cremes e chocolate. Uma massa nunca precisa ser excessivamente doce. Ela só precisa ser memorável.

Não é que eu seja uma especialista em scones; na verdade, nunca fiz um. O último que comi foi há quatro meses, quando Pilar queria comemorar seu aniversário de 21 anos com um chá da tarde no Miami Biltmore Hotel.

Igual àquele espaço histórico, esta sala de estar parece muito mais uma pintura do que uma sala, com suas paredes azuis e frias e seus tecidos brocados. Aqui eu sou apenas uma figura desenhada na vida de outra pessoa.

Vou chamá-la de “Garota Cubana Fora de Miami com o Scone Exageradamente Açucarado.”

— ... e caminhadas, e o campo fica muito perto. Você pode usar uma das bicicletas de hóspedes para ir a qualquer lugar e descansar um pouco. O centro da cidade tem cafés e lojinhas que tenho certeza que você irá amar. — Entre goles de chá-preto forte, Cate passou os

últimos cinco minutos tentando me vender Winchester como se fosse uma corretora imobiliária.

Eu sorri de maneira forçada o tempo inteiro, como se ela realmente *pudesse* me convencer.

— Parece legal. E obrigada por me deixar ficar aqui. — O espaço imaginário entre querer afogar todas as minhas palavras dentro do bule coberto de rosas e mostrar respeito por essa mulher que conheço desde que nasci — é nesse espaço em que estou.

— Sem cerimônias — disse Cate. — Você pode ser honesta comigo.

— Certo. — Coloquei minha xícara de chá na mesa com um tinar deselegante. — Eu não quero estar aqui. — Seja em família ou não.

Minhas palavras nem sequer alteram seu olhar — frio, como o céu branco como mármore do lado de fora das janelas. Cate desenha com os dedos na borda de sua xícara de chá. Suas unhas em formato oval brilham com o esmalte cor de cereja preta.

— Claro que você não quer estar aqui. Não há necessidade de fingir. Mas seus pais acreditam que passar um tempo fora pode ajudar...

— E o que eu penso? E como *eu* me sinto? — Sou um disco aranhado, repetindo a mesma narrativa que venho recitando desde que meu voo foi reservado. Toda a ajuda de que preciso se encontra a 6.500km, do outro lado do Atlântico. É o lugar onde, semanas atrás, eu tinha tudo o que queria. É o lar que é a nossa padaria, que vou assumir e expandir — aquela que descende das raízes da abuela. Panadería La Paloma. A memória e espírito de minha abuela ainda estão dentro daquelas paredes; e, agora, eu não estou.

Eu não preciso da Inglaterra. Miami é minha cidade-amuleto-da-sorte. É o lar onde tive tantas vitórias em 17 anos. Ela chama por mim, de corpo e alma. *Você faz parte de mim*, diz ela. *Você pode vencer novamente*.

Mas não aqui. Não na Inglaterra.

Miami guarda as pessoas mais próximas de mim, aquelas pelas quais choro em segredo. Abuela. Andrés. Stefanie. Meu coração, meu

corpo e minha memória ainda não cortaram os laços com eles. Em 85 dias na Inglaterra, muitas outras coisas podem mudar, e eu não estarei em casa para impedi-las.

— Você está sofrendo, Lila. E assustou seus pais — disse Cate. — Sua saúde mental é muito mais importante do que assumir La Paloma de imediato.

Bueno. Bem. A regra de “sem cerimônias” é uma via de mão dupla. *Mas eu estava lidando com isso.* Preciso de mais tempo, e não de mais conversa. Não de mais espaço. Por que mami e papi não conseguem enxergar isso?

Cate arruma uma mecha loira que fugiu de seu coque.

— Prometa-me apenas uma coisa, porque nós duas conhecemos a fúria de tu mamá.

Levanto o olhar quando ela usa o espanhol.

— Tente se encontrar aqui. Talvez até se divertir um pouco. Mas você vai fazer isso com cuidado, certo? — Parece que passar a última meia hora comigo fez com que seu sotaque soasse como se ele se inclinasse um pouco para o sudoeste. — Não caminhe sozinha à noite nem faça nada... irresponsável.

Irresponsável. Como o que eu fiz há duas semanas? Minhas bochechas queimam de raiva e arrependimento. *Fui tão descuidada. Imprudente.*

Mas não digo uma palavra sobre isso. Escondo o resto das minhas respostas nas últimas mordidas do scone de groselha preta da Polly. Sim, doce demais.

Minha xícara de chá ainda está pela metade quando Cate bate no meu antebraço.

— Vamos acomodá-la. Spence já deve ter levado as suas malas para lá. — Ela se levanta, gesticulando para que eu a siga até o saguão e depois suba a enorme escadaria.

O segundo andar da Pousada Owl and Crow abriga oito quartos de hóspedes. Cate havia mencionado que todos estão reservados, mas

agora o corredor apainelado está ocupado apenas por fileiras de arandelas de bronze. Grandes asas de pássaros douradas flanqueiam cada uma das luminárias.

Paramos em frente a uma porta larga, sem placa de identificação, com uma fechadura eletrônica.

— Aqui estão as escadas que levam ao nosso apartamento privado. A senha da porta é o número do código postal do nosso antigo bairro em Miami. — Os traços de Cate suavizam com a nostalgia. Quando seus pais se mudaram da Venezuela para Miami, Cate passou tanto tempo na casa da minha abuela com mami que lá se tornou sua segunda casa. Pilar e eu nunca a chamamos de prima. Ela sempre foi nossa tia.

Ela gesticula para que eu digite os cinco números que conheço tão bem. Depois de um bipe, a fechadura se abre, revelando uma entrada para outra escadaria com balaústres esculpidos.

A escadaria nos leva a um lugar semelhante a um loft. Cate aponta para um corredor.

— Meu quarto e de Spence fica para lá. — Ela gira, me conduzindo através da sala de estar em direção à ala oposta. — Por este outro lado ficam o seu quarto, um banheiro e o quarto do Gordon. Ele está com um grupo de estudos na biblioteca.

Tenho uma vaga lembrança de ter sido avisada que as provas escolares vão até o verão por aqui.

— Não consigo acreditar que o Gordon já tem 16 anos.

Ela sorri.

— E ele está tão alto que você mal o reconhecerá. A última vez que vocês se viram, ele devia ter cerca de 12 anos. Foi um pouco antes da nossa viagem a Key West.

— Sim, ele adorava correr pela cozinha de La Paloma enquanto você e mami bebiam cafecito lá na frente. — Meu cabelo escuro cai sobre meu rosto e tem cheiro de avião. Eu o arrumo de volta. — Ele

tentava roubar uma empanada de cada bandeja que a abuela tirava do forno. Ela batia nele com o pano de prato, mas isso não o impedia.

A explosão de memórias machuca como um elástico estalando em minha pele.

Desvio o olhar até que Cate aperta meu ombro. Ela abre uma porta apainelada e gesticula para dentro com a mão.

— Aqui estamos. Você sabe onde me encontrar. O jantar é servido às sete.

Sozinha, o quarto onde passarei os próximos 85 dias tem uma cama de dossel de verdade. Não um especial da IKEA, mas uma peça autêntica, própria do período de Regência. Deixo cair minha bolsa e deslizo meus dedos ao longo da madeira de cerejeira. Assim como o resto da pousada, parece algo velho.

Spencer deixou minhas malas ao lado de um banco de veludo cinza. Analiso o espaço — uma cômoda com televisão em cima, sofá floral cinza, escrivaninha. Uma das paredes tem uma generosa janela panorâmica de vidro, agora deixando entrar uma luz fraca que vem da rua. A outra parede externa tem uma janela mais ampla, mas seus mecanismos são de maçaneta. Afasto as cortinas de seda, que são da cor creme. Os batentes soltam um ruído paranormal quando viro a maçaneta e coloco meu torso para fora. Inclinando-me sobre o peitoril, vejo, por cima das copas das árvores, o pátio murado de uma igreja que quase encosta no meu lado da Owl and Crow. Meus olhos lutam para se ajustar, trocando palmeiras e estuque cor de pêssego por igrejas com torres de pedra e tijolos envelhecidos — igual à pequena paróquia ao meu lado.

Meu novo quarto é lindo. Mas isso não impede que metade de mim queira socar as paredes, grunhindo toda a brutalidade que ecoou em minha mente o dia inteiro. Durante todos os meses de março, abril e maio. Isso não impede a minha outra metade de querer se esconder debaixo do edredom de pelúcia.

Eu me contento em empurrar minhas malas em direção à porta — não estou pronta para organizar minha nova realidade. Abro o zíper da minha enorme bagagem de mão, que está em cima da cama. Miami está dentro dela. Vestígios do limpador de azulejos de limão e vinagre da mami e do meu spray de aroma de gardênia se agarram a todos os itens de que precisarei esta noite. Minha abuela poderia ter feito esta mala.

Por causa dela, Pilar e eu nunca ousaríamos embarcar em um avião sem roupas íntimas extras e uma muda de roupa. *Afinal, a companhia aérea pode perder a sua mala!* Abuela nunca foi de confiar naqueles cuidadores de bagagem.

E eu não confiei a eles esses itens. Depois de retirar da bolsa uma calça legging e uma camiseta longa, tiro o avental branco característico da abuela. O mesmo que segurei no colo durante seu funeral. Depois retiro uma foto de família, meus pais, Pilar e eu no jardim do meu tio-avô. E mais uma foto pequena, uma foto instantânea que fiz da abuela no ano passado, o corpo pequeno, coberto pelo elegante cabelo preto grisalho, sorrindo sobre seu café da manhã simples, café com leite e pan tostado.

Abuela e eu éramos as únicas pessoas da família que gostavam de guardar los recuerdos — as lembranças. Pili não herdou o gene sentimental, e mami odeia bagunça. Mas mami ainda não desmontou o pequeno altar de cartões, fotos, estatuetas e flores secas da cômoda da abuela. Ela ainda não transformou o quarto da abuela em um quarto de hóspedes, nem tirou do pátio seus sapatos de jardim desgastados. Por enquanto, até mesmo minha mãe está guardando coisas.

Comecei a montar o *meu* altar transplantado, colocando meus objetos de Miami na mesa de cabeceira. Meu coração se aperta ao ver o último item da minha bolsa: a camiseta branca da Universidade de Miami que comprei para Stefanie. É un recuerdo de proporções gigantes, uma lembrança da promessa de amizade eterna que ainda não estou pronta para enfiar em uma gaveta.

Essa camiseta é o maior motivo de eu estar aqui.

Duas semanas atrás, a camiseta branca chegou atrasada à Panadería La Paloma, no mesmo dia em que o voo de Stefanie partiu, como uma grande piada de mau gosto. Stef não ia mais para a Universidade de Miami. Minha amiga não ia mais para lugar nenhum em Miami. Não comigo.

O início do nosso fim aconteceu dois dias antes da entrega da camiseta. Eu me joguei na cama dela da mesma forma de sempre, com a diferença de que agora uma mochila enorme havia engolido o tapete da Stef. Seu passaporte, pilhas de documentos de viagem e o pacote da bolsa de estudos da Catholic Missionary do Sul da Flórida cobriam sua mesa.

O fim do nosso término aconteceu quando bati as portas e fugi de uma casa onde fui recebida e acolhida como membro da família durante anos.

E, no meio de tudo, minha melhor amiga admitiu que ela estava se preparando desde novembro para um cargo de dois anos de auxílio médico. Meses de treinamento que ela nunca mencionou. Stef trocou sua aprovação na Universidade de Miami por um vilarejo africano remoto sem dizer uma palavra sequer.

Duas semanas atrás, sozinha no escritório da padaria, eu encarava o brasão da Universidade de Miami estampado na camiseta. As palavras que havíamos proferido me atingiam como uma chuva de granizo.

— *Você não poderia ter me contado?*

— *Lila, eu sinto muito. Você teria me convencido de desistir.*

— *Isso não é verdade.*

— *Eu preciso ir.*

— *Você reorganizou completamente sua vida inteira pelas minhas costas?*

— *Você tinha acabado de perder sua abuela. E depois do que aconteceu com o Andrés... além disso, você sabe que lutaria contra meus novos planos. E venceria, como sempre.*

Depois disso corri para casa e chorei vendo nossa selfie de formatura, tirada na semana anterior. Minha cabeleira morena e as finas

camadas loiras de Stef saindo do capelo escuro, tal qual a sombra da decepção.

Segurar a camiseta macia em minhas mãos, no escritório da panaderia, apenas reforçava um fato dentro de mim: meu luto havia mudado; o que antes era uma linha entre dois pontos finais latejantes — abuela e Andrés — agora havia se metamorfoseado. Era um triângulo.

E esta tríade de sofrimentos era tão grande que eu não conseguia me livrar dela. Eu não conseguia me encontrar dentro do vazio desta escuridão. Meu coração se fragmentou, e minha respiração veio como o prelúdio de uma grande tempestade. Eu tive que mudar. Eu tive que fugir.

Receita para Ser Abandonada pela Sua Melhor Amiga

Da Cozinha de Lila Reyes

Ingredientes: uma sacola de ginástica embalada que ficava no escritório do papi. Um par de tênis de corrida da Nike. Uma regata da cor azul neon. Um par de leggings de compressão da Adidas.

Modo de Preparo: coloque seu equipamento e fuja pela porta de serviço. Vá para a sua querida cidade natal, sua Miami. Ela é grande o suficiente para abrigar você. Recupere lugares e ruas que conheciam você, que conheciam seu amor e sua alegria antes dos últimos três meses terem lhe tirado tanto. Recupere tudo.

* Deixe de ficar relembando e falando sobre a Stefanie com sua família. A perda é sua, e você irá lidar com ela.

Temperatura de cozimento: 246°C — precisamente a sensação térmica de Miami quando você está correndo durante a tarde.

Naquela tarde, duas semanas atrás, fui ao estacionamento traseiro e tranquei tudo, exceto meu chaveiro e telefone, dentro do meu Mini

Cooper turquesa. Depois de me flexionar e alongar, me preparei para fazer a segunda coisa que faço de melhor no mundo. Corri o mais longe que jamais havia ido; o tipo de distância pela qual as pessoas ganham medalhas e troféus por terem percorrido. Meu único prêmio era a recompensa desgastada de ter cumprido um desafio feito por teimosia. Por horas, me forcei para além de cada sinal de perigo que meu corpo me lançava, cruzando os limites de bairros, até a hora do jantar chegar e ir embora. Um pensamento atravessou a barreira de suor, calor e dor, até que meus membros finalmente desistiram: se eu viajasse para longe o suficiente, talvez fosse capaz de fugir da minha própria pele.

Hoje me pergunto se a Stef tinha razão, se eu realmente conseguiria tê-la feito mudar de ideia. Afinal, meus poderes de persuasão não funcionaram com a minha família.

Afundo no banco de veludo cinza e tento me manter o mais imóvel possível. Finjo que, se eu não me mover, o lugar de onde venho também não se moverá. West Dade permanecerá imóvel no tempo e no espaço até eu voltar para casa.